

## Nexos adversativos e pontuação: uma proposta de aplicação das noções de integração sintática e conectividade temática a partir de Talmy Givón

Adversative nexes and punctuation: a proposal for applying the notions of syntactic integration and thematic connectivity from Talmy Givón

Patrícia Azevedo Gonçalves<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente estudo teve por objetivo investigar as motivações sintáticas e semânticas para o emprego de determinados padrões de pontuação relacionados aos nexos adversativos em um corpus de trabalhos acadêmicos. Para tanto, nos ancoramos no que propõe Givón (1984; 1991; 1993; 1995; 2012) quanto às dependências de caráter semântico-pragmático (dependência funcional) e de caráter gramatical (dependência formal), avaliando o emprego da pontuação quanto à sua eficiência ao representar graficamente os diferentes níveis de conectividade, construindo uma progressão textual adequada. Além das motivações sintáticas e semântico-pragmáticas, mostrou-se relevante a diferença de estatuto que os conectivos adversativos *porém*, *contudo*, *entretanto*, *no entanto* e *todavia*, dado seu caráter adverbial, apresentam em relação à conjunção *mas*.

**Palavras-chave:** Pontuação. Nexos adversativos. Conectividade temática. Integração sintática.

**Abstract:** The present study aimed to investigate the syntactic and semantic motivations for the use of certain punctuation patterns related to the adversative nexus in academic works. To this end, we based this paper on studies by Givón (1984; 1991; 1993; 1995; 2012) who discusses about the dependencies of semantic-pragmatic aspect (functional dependence) and grammatical aspect (formal dependency), evaluating the use of punctuation regarding their efficiency, by graphically representing the different levels of connectivity, building an appropriate textual progression. In addition to the syntactic and semantic-pragmatic motivations, the difference in status that the adversative connectors *porém*, *contudo*, *entretanto*, *no entanto* e *todavia* have, given their adverbial aspect, in relation to the conjunction but proved to be relevant.

**Keywords:** Punctuation. Adversative nexus. Thematic connectivity. Syntactic integration.

### Palavras iniciais

O presente estudo teve por objetivo investigar as motivações sintáticas e semânticas para o emprego de determinados padrões de pontuação relacionados aos nexos adversativos em um *corpus* de trabalhos acadêmicos (Gonçalves, 2020), descrevendo e discutindo os condicionamentos presentes em construções cujo manejo da pontuação não reflete sua estrutura sintática: seja rompendo a progressão temática esperada para o excerto; seja apresentando segmentação inadequada de sintagmas, orações e períodos; ou, ainda, causando ambiguidades quanto ao escopo do conectivo.

---

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Escola de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Letras. Porto Alegre, RS, Brasil. Endereço eletrônico: [patricia.goncalves87@edu.pucrs.br](mailto:patricia.goncalves87@edu.pucrs.br).

Como primeira questão de pesquisa, tem-se: “Quais as motivações sintáticas e semânticas que condicionam o emprego de determinados padrões de pontuação relativos às construções adversativas?”. Filiando-nos ao Funcionalismo Linguístico norte-americano clássico, nosso olhar para o problema em tela partiu de como esse viés teórico, de um modo geral, comprehende os processos de vinculação sintática. Nossa análise ancorou-se no que propõe Talmey Givón (1984; 1991; 1993; 1995; 2012) quanto às dependências de caráter semântico-pragmático (dependência funcional) e de caráter gramatical (dependência formal). Dessa etapa da revisão teórica, sobreveio nossa segunda questão de pesquisa: “As noções de grau de conectividade temática e vinculação sintática são explanatória e metodologicamente suficientes para descrever e explicar o uso da pontuação com nexos adversativos em textos escritos da esfera acadêmica?”. Como objetivo geral, buscou-se descrever quais são os condicionamentos presentes em estruturas cujo manejo da pontuação não se mostra adequado nem perante o que determina a tradição gramatical, nem quanto aos aspectos sintáticos e semânticos contemplados pela linguística funcionalista de Givón no que se refere aos graus de integração sintática e conectividade temática.

### **A correlação entre integração formal e funcional**

Partindo do pressuposto de que a dependência temática de uma oração relativa ao seu contexto imediato de discurso é garantida, Givón (1993) afirma que nos resta determinar o tipo e o grau de conectividade entre as orações. Assim, quanto mais conectada tematicamente uma oração coordenada é com uma oração adjacente — quanto mais linhas de coerência temática ela compartilha com essa oração — mais provável é que ela apareça reduzida, menos finita, sintaticamente integrada com a outra oração, conforme o isomorfismo entre integração funcional e estrutural apontado pelo autor, o qual se configura como um caso particular do Princípio Geral da Iconicidade: quanto mais integrados funcionalmente — mais firmemente coerentes — dois estados/eventos adjacentes, tanto mais integradas formalmente serão as duas orações que os codificam.

Por meio do Princípio da Iconicidade, considera-se a existência de uma relação não arbitrária, natural, entre forma e função, ou entre código e mensagem, na linguagem humana. Isto é, tal noção implica uma relação entre o mundo (sua representação conceptual) e o modo de verbalização (na direção do mundo para a linguagem): a iconicidade supõe que a estruturação dos enunciados tem correspondência com a organização dos fatos, pressupõe uma “força de motivação para a linguagem” (Neves, 2018, p. 152). Assim, conforme advertem Cunha, Costa e Cezario (2015, p. 25), “como opção teórica, o princípio da iconicidade [...] permite uma investigação detalhada das condições que governam o uso dos recursos de codificação morfossintática”.

Tendo em vista esse pressuposto, Givón (1993) apresenta, conforme quadro-síntese exposto a seguir, diferentes parâmetros de integração entre orações, conforme sua distribuição e funcionalidade.

Quadro 1 – Integração entre Orações

Ligações Locais Mais Concretas	Faixas Globais Mais Abstratas
Continuidade Referencial	Continuidade Modal
Continuidade Temporal	Continuidade do Ato Discursivo
Continuidade Espacial	Continuidade de Perspectiva
Continuidade de Ação	

Fonte: adaptado de Givón (1993).

Posto que orações presentes no discurso conectado podem, de fato, codificar diferentes graus de coerência, uns mais restritos, outros cada vez mais frouxos, o autor postula dois tipos de dependência, a serem abordados a seguir: a *dependência gramatical* e a *dependência funcional*.

Segundo Givón (1993), a progressão textual se constrói mediante diferentes estratégias de conectividade temática, as quais o autor identifica como *continuidade referencial*, *continuidade temporal*, *espacial* e *de ação*. Vejamos o que são essas estratégias de conectividade:

- (a) **Continuidade Referencial:** Neste tipo de continuidade, vemos diferentes estratégias anafóricas (uso de pronomes, de descrições definidas modificadas ou não etc.) sendo mobilizadas para que a unidade temática seja assegurada pela manutenção de um mesmo referente como tópico informacional.
- (b) **Continuidade Temporal:** Aqui, a continuidade/descontinuidade se dá no âmbito da progressão temporal dos fatos. A continuidade temporal, portanto, diz respeito à organização de um dado segmento textual em termos de certa orientação histórico-temporal.
- (c) **Continuidade Espacial:** Mobilizando elementos lexicais e sintáticos, principalmente nomes e advérbios, organiza a progressão temática em torno da descrição de cenários e espaços que se relacionam espacialmente.
- (d) **Continuidade de Ação:** Por fim, temos um tipo de continuidade obtido por meio de algum tipo de estrutura na sucessão de ações, por exemplo, quando são orientadas para um certo “fim” (o que vale para textos “instrucionais”, mas também para narrativas típicas).

Para exemplificar os diferentes graus de integração entre orações, suas relações de continuidade e descontinuidade, por sua vez, o autor utiliza-se das seguintes oposições:

(a) **Descontinuidade da Modalidade:** A oposição entre os modos factual e não factual, que agenciam a atitude de falante perante um estado de coisas ou sucessão de eventos, resulta em “descontinuidade formal” entre orações que codificam tais eventos.

- (1) Ela entrou e sentou na cama. Ela logo se mudaria para sempre. [*realis* x *irrealis*]  
(2) ?? Ela entrou, sentou na cama, e logo se mudaria para sempre.

Em (1), cabe mencionar que “logo se mudaria” é uma hipótese no momento em que a personagem senta, mas pode ter se tornado verdade a seguir — o contexto não explicita; sendo hipótese, não pode se integrar sintaticamente à sucessão de ações expressa por período independente em (2).

(b) **Descontinuidade do Ato de Fala:** Mudança quanto à natureza do ato de fala no interior de textos e discursos também resulta em “descontinuidade formal” das orações.

- (3) Ela entrou e sentou na cama. Ela estava pensando nele? [declarativa x interrogativa]  
(4) ?? Ela entrou, sentou na cama, e estava pensando nele?

O contraste entre (3) e (4) indica que, no caso típico, orações de um mesmo período estão no escopo de um mesmo e único ato de fala; portanto, atos de falas diferentes implicam, normalmente, períodos diferentes.

(c) **Descontinuidade da Perspectiva:** Do mesmo modo, a alternância entre enunciadores implica “descontinuidade formal”. Vejamos os exemplos a seguir:

- (5) Ela entrou, sentou na cama, refletiu um pouco e decidiu que ia esquecer tudo.  
(6) Ela entrou, sentou na cama, refletiu um pouco. Esqueceria tudo, decidiu.  
(7) ?? Ela entrou, sentou na cama, refletiu um pouco e esqueceria tudo, decidiu.

Em (5), podemos observar que um período — segmento textual único — corresponde a uma só perspectiva (a do narrador). Já em (6), temos dois períodos, representando formalmente as duas perspectivas apresentadas. Por fim, vemos, no exemplo (7), um período com problema de construção, pois não é possível que um único período instancie duas perspectivas. A descontinuidade de perspectiva, portanto, relaciona-se, como foi possível observar nos excertos em destaque, diretamente, na escrita, com o manejo da pontuação.

A continuidade referencial, como, em certa medida, já mencionamos, diz respeito à manutenção de “referentes do discurso”, seres e coisas de que se fala ao longo de um trecho de discurso, sendo um dos aspectos que integram a continuidade temática (coerência) de

modo geral. Assim, tendo uma ideia da correlação entre os diferentes processos de vinculação sintática e os graus de conectividade temática e de integração entre as orações, vejamos agora como Givón (1993) mobiliza esses elementos a fim de descrever as motivações para o uso de determinados sinais de pontuação e nexos adversativos, em sua função de *descontinuidade referencial*. Tais motivações podem comunicar um contraste entre referentes distintos, inserir orações cujas funções sintáticas ou papéis temáticos se modificam ou, ainda, sinalizar quando ocorre uma relação de contraste total entre o conteúdo informacional de duas construções.

Conjunções de contraste como *mas*, de acordo com Givón (1993), são usadas quando algumas expectativas foram pré-estabelecidas em relação a indivíduos ou tipos de estados, atividades, assuntos ou objetos dos quais se espera que se comportem de uma certa maneira, mas acabam não o fazendo. As expectativas podem ser baseadas em normas culturais, envolvendo a maneira normal pela qual alguns tipos de eventos devem seguir outros. Eles também podem ser criados no discurso anterior para ocasiões e participantes específicos. O autor menciona, por fim, que contrastes cada vez mais sutis são possíveis, desde que as expectativas apropriadas sejam pré-estabelecidas e depois violadas. Vejamos os exemplos:

- (8) João veio, *mas* Maria não. → *contraste referencial*
- (9) Helena sentou-se, *mas* levantou-se imediatamente. → *comutação do verbo*
- (10) Ela esteve aqui ontem, *mas* não hoje. → *momento de mudança*
- (11) Ela deveria ir para São Paulo, *mas* acabou em Maceió. → *mudança de lugar*
- (12) A aniversariante sentou-se, *mas* os convidados ficaram em pé. → *mudança de sujeito e verbo*
- (13) José adorava alface, *mas* odiava espinafre. → *mudança de verbo e objeto*
- (14) Maria jogava xadrez, *mas* Bruno detestava jogos de tabuleiro. → *mudança de sujeito, verbo e objeto*

Nos exemplos registrados anteriormente, vemos contrastados, conforme elenca Givón (1993), elementos que fazem com que não possa haver um grau muito alto de integração entre as orações. Entretanto, pode-se usar a vírgula porque já há um outro elemento codificando a relativa independência entre os conteúdos — a própria conjunção adversativa. Para o autor, as conjunções contribuem para o estabelecimento de uma relação temática entre orações adjacentes em um texto contínuo e coerente.

A fim de analisar essa independência relativa, podemos observar que os mesmos exemplos são compatíveis com sinais que indicariam maior independência, como o ponto final e o ponto e vírgula:

João veio, *mas* Maria não.

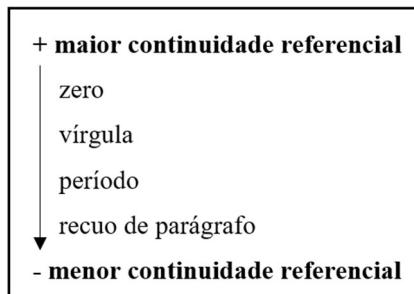
- (15) João veio; mas Maria, não.
- (16) Ela deveria ir para São Paulo. Mas acabou em Maceió.

Maria jogava xadrez, *mas* Bruno detestava jogos de tabuleiro.

- (17) Maria jogava xadrez. Bruno, porém, detestava jogos de tabuleiro.

Em seção dedicada às orações coordenadas, Givón (1993) retoma estudo anterior não publicado (Hayashi, 1989), dispondo os usos da pontuação numa escala que vai da maior à menor continuidade referencial e sua expressão através de diferentes elementos gráficos.

Figura 1 – Pontuação e Continuidade Referencial



Fonte: adaptado de Givón (1993).

Segundo o autor, a escala apresentada na Figura 1 expressa uma correlação inversa entre a duração da pausa entre orações — imitada pelo sinal de pontuação — e o grau de continuidade referencial através do limite entre estas, posto que quanto mais contínua — coerente — for a referência através do limite da oração, menor será a pausa entre as orações (Givón, 1993).

Assim, ao abordar o subprincípio da *proximidade*, o autor menciona a forte correlação entre a “pontuação de período”, isto é, o emprego do *ponto final* e a ruptura da coerência entre duas proposições, opondo a isso o emprego da *vírgula* ou de “*pontuação zero*” e a continuidade referencial de duas orações:

- (18) Ela entrou e falou comigo.

- (19) Ela entrou, viu que estávamos ali; mas ela veio falar comigo.

Como é possível observar nas sentenças (18) e (19) (Givón, 1991), a escolha por determinados sinais gráficos na escrita relaciona-se com o grau de integração que os eventos codificados apresentam. Em (19), por exemplo, é possível observar o contraste graficamente materializado pelo *ponto* e *vírgula*: a última ação é, em algum sentido, inesperada, porque é apenas uma das alternativas da sequência — ela poderia ter ido falar com todos, ou um dos outros etc.; há menos integração, logo o *ponto* e *vírgula* pode ser empregado.

Por fim, cumpre enfatizar que, como vemos pela discussão do exemplo anterior, Givón (1993) situa a pontuação no âmbito do que ele chama “gramática da coerência temática”,

juntamente com outros elementos sintáticos e semânticos, como as conjunções, os advérbios, a codificação dos referentes e tempo/aspecto verbal. Para o autor, a manipulação hábil da gramática da coerência temática dá origem a parágrafos mais coerentes, já um controle menos eficiente desses elementos daria origem a um tipo conhecido de texto: aparentemente gramatical, mas incoerente e de difícil processamento cognitivo.

Estes foram os subsídios que serão mobilizados na tentativa de compreender as motivações para determinados padrões de pontuação mobilizados pelos autores dos textos acadêmicos que investigaremos. Na seção seguinte, faremos uma descrição do *corpus* e apresentaremos os aspectos metodológicos empregados nesta pesquisa.

### **O olhar sobre os dados: aspectos metodológicos**

Como objetivo geral, elegemos: descrever quais são os condicionamentos presentes em estruturas cujo manejo da pontuação não se mostra adequado nem perante o que determina a tradição gramatical, nem quanto aos aspectos sintáticos e semânticos contemplados pela linguística funcionalista de Givón (1984; 1991; 1993; 1995; 2012) no que se refere aos graus de integração sintática e conectividade temática.

Para tanto, nossos objetivos específicos foram: realizar uma revisão da literatura sobre a pontuação; organizar um *corpus* de construções adversativas oriundas de textos acadêmicos; categorizar, dentro da amostra selecionada, os tipos de ocorrências encontradas, tanto em relação à sua adequação ou não, quanto em relação a aspectos sintático-semânticos (por exemplo, em relação ao nexo utilizado); e discutir os (problemas de) usos da pontuação com nexos adversativos em contextos de escrita formal à luz das noções de grau de integração sintática e conectividade temática.

Assim, foram coletados 50 trabalhos acadêmicos, 33 monografias e 17 artigos finais. As etapas de organização do *corpus* foram: (a) busca pelas palavras-chave (nexos adversativos) em cada um dos documentos; (b) seleção dos trechos correspondentes ao escopo das conjunções encontradas; (c) exclusão dos trechos que constituíam citações diretas; (d) sumarização da seleção final, conforme o conectivo empregado e o contexto sintático em que se encontra.

Na Tabela 1, consta uma síntese da distribuição das ocorrências encontradas. Tendo em vista as restrições de extensão, neste artigo, nos debruçaremos sobre o contexto sintático “conectores entre orações”.

Tabela 1 – Resumo geral do *corpus* investigado

<b>Conectores</b>	<b>Contexto Sintático: Entre Orações</b>
<i>Mas</i>	202
<i>Porém</i>	167
<i>entretanto</i>	33
<i>no entanto</i>	19
<i>Contudo</i>	25
<i>Todavia</i>	10
<b>TOTAL</b>	<b>456</b>

Fonte: Elaborado pela autora.

É possível observar, a partir dos dados levantados, que *mas* (202 ocorrências) e *porém* (167 ocorrências) foram os conectivos mais empregados nos textos que compõem nossa amostra. Os demais nexos apresentam frequência de uso relativamente próxima (*entretanto*, 33; *no entanto*, 19; *contudo*, 25), destacando-se a menor incidência quanto ao vocábulo *todavia* (apenas 10 ocorrências). Dados como estes talvez indiquem que o conector *todavia* tenha entrado em obsolescência, sendo substituído por outros conectores, como *porém*, por exemplo.

Conforme revisão teórica apresentada, ao olharmos para os dados de nossa amostra, quatro fatores gerais foram mobilizados. Primeiramente, ao organizarmos os casos a serem discutidos, levamos em consideração os seguintes aspectos: a delimitação/o escopo de ocorrência dos conectores estudados — entre *orações*,  *períodos* ou *parágrafos*; e (ii) a diferença de distribuição entre os nexos adversativos, o que nos levará a uma oposição, nas seções que compõem os capítulos de análise, entre os padrões de pontuação empregados com a conjunção *mas* e com os demais nexos de comportamento adverbial — *porém*, *contudo*, *entretanto*, *no entanto*, *todavia*. Posteriormente, no que diz respeito à análise propriamente dita, balizaram nossa discussão: (iii) os usos descritos por regras ou apresentados nos exemplos das *gramáticas* que compuseram nossa revisão, com os quais buscaremos dialogar; (iv) os elementos de *análise funcional* relacionados ao *grau de integração* entre conteúdos oracionais, cerne de nossa discussão.

Nas ilustrações a seguir, buscamos sintetizar os padrões de pontuação para os nexos adversativos conforme propõe a descrição gramatical.

Figura 2 – Padrões de pontuação prescritos para a conjunção *mas*

<i>mas</i>	a) introduzindo oração adversativa:
	. Mas Ø      ; mas Ø      , mas Ø
	b) quando seguido de constituinte deslocado, em ordem indireta:
	, mas ,

Fonte: elaborado pela autora.

Na Figura 2, registramos os usos comumente recomendados pela tradição gramatical em relação à conjunção *mas* e os sinais gráficos *vírgula*, *ponto* e *vírgula* e *ponto final*. Nela, é possível observar que apenas 4 padrões são permitidos: 3 relativos ao seu emprego no início da oração, podendo ela ser precedida de *ponto final*, *ponto* e *vírgula* e *vírgula*, sem pontuação posterior (a); e 1 caso que diz respeito à (dupla) *vírgula* posterior, cujo escopo não diz respeito à conjunção, mas a algum sintagma em ordem indireta na oração em que ela se encontra (b) — este caso, sinalizamos, poderia ocorrer com quaisquer outros sinais de pontuação: | ... , mas, depois disso, ... | ... ; mas, depois disso, ... | ... . Mas, depois disso, ... . |.

Figura 3 – Padrões de pontuação prescritos para os nexos adverbiais

<i>porém</i> <i>contudo</i> <i>entretanto</i> <i>no entanto</i> <i>todavia</i>	a) introduzindo oração adversativa:
	. Porém Ø      ; porém Ø      , porém Ø
	. Porém,      ; porém,
	b) quando deslocados para o interior da oração adversativa:
	; ... , porém, ...      . ... , porém, ...

Fonte: elaborado pela autora.

Já na Figura 3, temos descritos os usos elencados quanto aos conectivos de natureza adverbial, sendo identificados 7 padrões de pontuação, dos quais: 5 dizem respeito a estes nexos quando em posição inicial na oração adversativa, podendo ser precedidos de *ponto final*, *ponto* e *vírgula* e *vírgula* (a); e 2 sinalizam a forma como devem ser pontuados quando deslocados para o interior da oração adversativa (b). Quanto aos casos em que estes conectivos introduzem uma oração adversativa, cabe destacar que, enquanto elementos adverbiais, podem ser seguidos de *vírgula* ou não (recordemos que a prescrição gramatical facilita o emprego de *vírgula* isolando adjuntos adverbiais de pequena extensão). No entanto, quando a opção for por empregar a vírgula após o nexo, ele só poderá ser precedido de *ponto*

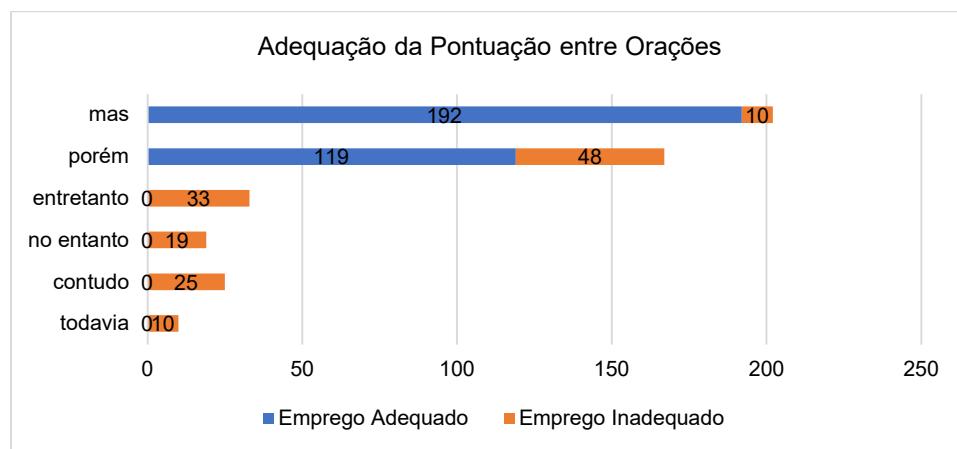
*final ou ponto e vírgula*. Do contrário, ficará comprometida a demarcação da fronteira entre períodos, bem como a delimitação do escopo do nexo. Lembremo-nos dos exemplos apresentados:

- (20) João chegou cedo; *contudo*, Maria chegou tarde.  
(21) João chegou cedo, *contudo* Maria chegou tarde.  
(22) ?? João chegou cedo, *contudo*, Maria chegou tarde.

Assim, nossa análise terá como pressupostos as descrições elencadas anteriormente, mas busca certa originalidade ao ampliar essas reflexões, discutindo em que medida tais convergências formais apontam para diferentes graus de integração entre os conteúdos oracionais. Para tanto, lançaremos mão do que propõe Givón (1993) quanto às dependências de caráter semântico-pragmático (dependência funcional) e de caráter gramatical (dependência formal). Isto é, nosso olhar para os usos considerados *adequados* ou *inadequados* não se ancorará em uma perspectiva normativa, mas discutirá as motivações sintáticas e semânticas dos autores para determinados empregos da pontuação, avaliando estes empregos quanto à sua eficiência ao representar graficamente os diferentes níveis de conectividade, construindo uma progressão textual adequada.

Apresentamos a distribuição dos empregos dos sinais gráficos aqui tematizados, dividindo as ocorrências conforme o contexto sintático em que foram mobilizados, bem como o conectivo com o qual se relacionam. Consideramos como adequados os casos em que: (i) os nexos foram utilizados, do ponto de vista de sua semântica adversativa, de modo apropriado; (ii) foram pontuados adequadamente conforme o que prescreve a gramática quanto ao padrão culto escrito; (iii) pontuação estabeleceu uma adequada segmentação sintática e correspondeu adequadamente ao grau de integração entre as estruturas coordenadas.

Gráfico 1 – (In)Adequação da Pontuação entre Orações



Fonte: elaborado pela autora.

No gráfico apresentado, é possível observar que, majoritariamente, a pontuação foi mobilizada de forma adequada pelos autores dos textos analisados neste estudo quanto aos conectivos *mas* e *porém*. Os casos de adequação e inadequação serão discutidos na seção subsequente, que se dedica à análise.

### **Nossa contribuição: a (não)correspondência entre marcação gráfica e integração das orações**

#### **Padrões de pontuação considerados adequados**

Nesta seção, serão discutidos os dados encontrados em nossa amostra. A organização de nossa exposição se dará da seguinte forma: serão descritos os números de ocorrências para cada um dos padrões de pontuação identificados, seguidos de exemplos e de breve discussão. Os nexos, dada sua distribuição particular, serão divididos em dois grupos: o primeiro composto pelo conector *mas*, considerado a conjunção adversativa por excelência, visto apresentar posicionamento circunscrito ao início (considerando-se a linearidade da escrita) de uma das orações coordenadas; o segundo, com os nexos *porém*, *contudo*, *entretanto*, *no entanto* e *todavia*, compreendidos como *conectivos adverbiais* por autores como Azeredo (2008), Bechara (2006) e Perini (2016), por apresentarem maior mobilidade dentro da sentença e poderem ser antecedidos pela conjunção e, por exemplo.

Dado que este estudo se trata da contribuição de nossa pesquisa de mestrado, cujo objetivo era buscar aplicar as noções de grau de conectividade temática e vinculação sintática, propostas por Talmy Givón (1984; 1991; 1993; 1995; 2012), à descrição e avaliação de textos acadêmicos, sem desconsiderar a tradição gramatical (Azeredo, 2008; Bechara, 2006; Perini, 2016), posto que nosso *corpus* de análise é constituído de textos que circulam numa esfera na qual se espera certo grau de formalidade, acurácia científica e adequação à norma padrão do português brasileiro, todas as vezes em que empregamos os qualitativos adequado e inadequado, colocamos em interface estes três posicionamentos: o que preconiza a tradição gramatical quanto ao emprego da pontuação em construções adversativas; as contribuições do funcionalismo clássico de Givón; e nossa tentativa de categorização como pesquisadores e profissionais do texto.

Assim, apresentamos, na tabela a seguir, a quantificação dos padrões de pontuação encontrados, para, em seguida, analisar alguns exemplos desta.

Tabela 2 – Pontuação de nexos inserindo a segunda oração

, mas Ø	191	, porém Ø	118
; mas,	1	; porém Ø	1

Fonte: elaborado pela autora.

No exemplo (23), temos um caso típico de orações coordenadas, em que a conjunção *mas* introduz a oração adversativa. As duas orações que constituem o período apresentam alto grau de integração sintática e conectividade temática:

- (23) Através dos projetos da residência serão elaborados orçamentos comparativos dos dois sistemas prevendo que se chegue às seguintes conclusões: O sistema (LSF) é mais caro que o convencional, **mas** seus benefícios compensam o valor adicional empregado.

Predicando sobre um mesmo tópico “O sistema (LSF)”, sujeito da primeira oração, que é retomado pelo pronome “seus”, no sujeito “seus benefícios”, na segunda, as duas estruturas oracionais são unidas pela conjunção *mas*, que estabelece uma relação à qual Azeredo (2008) chama de “compensação”: o sistema em questão é caro, porém seus benefícios fazem o valor adicional empregado valer a pena. Vemos, portanto, que a *vírgula* foi bem empregada, pois sinaliza a fronteira entre as duas orações, mas representa graficamente a proximidade das duas proposições que as constituem, não sendo necessário o emprego de pontuação mais fortemente marcada, como um *ponto final*, por exemplo.

Em continuidade ao exposto, trazemos o excerto (24), único caso desta seção em que foi mobilizado *ponto* e *vírgula* anterior ao *mas*:

- (24) Dessa forma, a partir do apanhado teórico realizado até então, é possível concluir que pela sublimação - através da arte, do trabalho ou do amor - podemos nos aproximar de *Das Ding*, que segundo Freud (1996f) é aquilo que ficou em nosso aparelho psíquico de nossas primeiras experiências de satisfação com nossos cuidadores. Também para Lacan (1997), *Das Ding* é o que resultou de nossas primeiras experiências; **mas**, além disso, é nossa base estruturante, aquilo que nos orientará na busca de nossos desejos e manifestará o que somos em nossa mais íntima constituição.
- (24') Também para Lacan (1997), *Das Ding* é o que resultou de nossas primeiras experiências // **mas** / além disso / é nossa base estruturante [...].

Neste caso, vemos o emprego do *ponto* e *vírgula* em sua função como hierarquizador de segmentos textuais, pois organiza o segmento, diferenciando-se do uso da vírgula que marca deslocamento de sintagma — de modo que seria inadequado o emprego de *vírgula* precedendo a conjunção:

- (24'') ? Também para Lacan (1997), *Das Ding* é o que resultou de nossas primeiras experiências, **mas**, além disso, é nossa base estruturante, aquilo que nos orientará na busca de nossos desejos e manifestará o que somos em nossa mais íntima constituição.

Entretanto, cabe a observação de que, para além do que prescreve a tradição gramatical, o emprego de vírgula (como em 24) seria adequado também, pois não comprometeria a representação quanto ao grau de integração dos conteúdos proposicionais. Nesse sentido, citamos as palavras da Profa. Marisa Smith (1998, p. 203), para quem a pontuação deve ser “compreendida como um universo de possibilidades organizado de forma sistemática e lógica, do qual fazem parte subsistemas igualmente dotados de lógica intrínseca”.

Agora, analisemos dois exemplos com o nexo *porém*:

- (25) A DM 1 é autoimune e idiopática, encontrada em apenas 5 a 10 % dos portadores de DM. [...] Pacientes portadores dessa patologia, são dependentes de insulina exógena. Acomete mais crianças e adolescentes, apresentando pico de incidência entre 10 e 14 anos, **porém** também pode surgir em adultos.

No exemplo 25, encontramos duas orações coordenadas que apresentam sujeitos nulos cujo referente se encontra não na oração imediatamente anterior, mas na construção que dá início ao parágrafo, isto é, o antecedente dos constituintes é o sujeito da primeira oração do segmento textual, que instancia o tópico do parágrafo:

- (25') [A DM 1] é autoimune e idiopática, encontrada em apenas 5 a 10 % dos portadores de DM. [...] Pacientes portadores [dessa patologia], são dependentes de insulina exógena. Ø<sub>i</sub> Acomete mais crianças e adolescentes, apresentando pico de incidência entre 10 e 14 anos, **porém** Ø<sub>i</sub> também pode surgir em adultos.

Assim, o emprego da vírgula foi adequado, pois ambas as construções apresentam alto grau de integração gramatical, partilhando de um mesmo sujeito. A oposição estabelecida por *porém* tem por escopo os predicados destas, havendo, na verdade, uma adição (instanciada pelas palavras *também pode*), uma ampliação da informação enunciada anteriormente.

Com efeito, o fato de as duas orações compartilharem o sujeito com o período que introduz o trecho e não com o segundo período impede a seguinte segmentação:

- (25'') ?? DM1 é autoimune e idiopática, encontrada em apenas 5 a 10 % dos portadores de DM. Pacientes portadores dessa patologia são dependentes de insulina exógena e acomete mais crianças e adolescentes, apresentando pico de incidência entre 10 e 14 anos. Porém também pode surgir em adultos.

Além disso, vemos que as duas orações formam uma unidade no trecho comparando as duas segmentações seguintes (em que o segundo período é eliminado para vermos o agrupamento dos conteúdos que predicam apenas da DM):

(25'') ?? A DM1 é autoimune e idiopática, encontrada em apenas 5 a 10 % dos portadores de DM e acomete mais crianças e adolescentes, apresentando pico de incidência entre 10 e 14 anos. Porém também pode surgir em adultos.

(25''') A DM1 é autoimune e idiopática, encontrada em apenas 5 a 10 % dos portadores de DM. Acomete mais crianças e adolescentes, apresentando pico de incidência entre 10 e 14 anos, porém também pode surgir em adultos.

Evidentemente, (25''') é um melhor meio de agrupar os conteúdos porque “também pode surgir em adultos” é um modo de restringir o conteúdo “acomete mais crianças e adolescentes”. Se este último conteúdo fosse unido ao conteúdo inicial, ficaria difícil atribuir a função de restrição a “também pode surgir em adultos” — por isso, a segmentação em (25'') é imprópria. Portanto, eis um exemplo de que, nesse trecho, a vírgula expressa adequadamente a integração dos dois conteúdos proposicionais (por oposição a outras segmentações possíveis dos mesmos conteúdos).

Embora não esteja no âmbito das orações adversativas propriamente, é importante observar, ainda neste parágrafo, as opções organizacionais do autor do texto, o qual mobiliza o *ponto final* para segmentar os períodos cujos sujeitos são gramaticalmente distintos (embora pertencentes ao mesmo campo semântico e tópico discursivo):

Figura 4 – Padrão do exemplo (25)

[A DM1<sub>i</sub>] • Pacientes portadores dessa patologia • Ø<sub>i</sub> , Ø<sub>i</sub> •

Fonte: Elaborado pela autora.

Vemos, portanto, que, como usuário da língua, o autor apresenta uma intuição apurada ao marcar esta “transição” através do emprego do ponto final. Por fim, não podemos deixar de registrar outro aspecto da pontuação deste parágrafo (também fora de nosso recorte de pesquisa, mas pertinente): em “Pacientes portadores dessa patologia, são dependentes de insulina exógena.”, vemos um caso recorrente de emprego inadequado da *vírgula* separando sujeito e predicado, o qual pode ser justificado prosodicamente, dada a extensão do primeiro sintagma.

Para concluir esta seção, apresentamos o único emprego de *ponto e vírgula* precedendo o nexo *porém* nesta categoria (26).

(26) Além da arte, construções fantasmagóricas, religiosas e científicas também se relacionam, de alguma maneira, com *Das Ding*; **porém** apenas a arte possui algo que vai além do princípio do prazer – além do alívio [...].

Aqui, vemos uma opção pertinente do autor pelo emprego de *ponto e vírgula* para segmentar as orações que compõem o período, no qual o conectivo marca uma oposição que, em certa medida, poderíamos interpretar como rejeição (Neves, 2000) ao que foi anteriormente expresso: apesar de outros tipos de construção relacionarem-se ao construto teórico em discussão, apenas a arte vai além. Igualmente, além de marcar esse grau de ruptura temática com a oração que o antecede, o *ponto e vírgula* também se mostra pertinente neste trecho, pois diferencia a nova oração dos demais segmentos marcados anteriormente pela vírgula, evitando uma possível ambiguidade quanto ao escopo de cada oração:

(26') ?? Além da arte, construções fantasmagóricas, religiosas e científicas também se relacionam, de alguma maneira, com *Das Ding*, **porém** apenas a arte possui algo que vai além do princípio do prazer — além do alívio [...].

### Inadequações encontradas no *corpus*

Apresentaremos, nesta seção, os casos encontrados em nosso *corpus* em que a pontuação não foi empregada de forma adequada, cotejando casos emblemáticos de cada contexto com os pressupostos mobilizados na reflexão teórica e na análise dos casos de usos adequados que desenvolvemos anteriormente. Haverá, igualmente, alusão às normas recomendadas pela tradição gramatical, as quais servirão de contraponto para os dados empíricos.

Assim, visamos realizar uma análise dos condicionamentos presentes nas estruturas cujo manejo da pontuação não reflete o grau de dependência sintática e integração temática das estruturas em que se encontram; lembrando que, de acordo com Cunha, Costa e Cezario (2015, p. 22), o isomorfismo entre sintaxe e semântica não é absoluto, mas moderado: “Na codificação sintática, princípios icônicos (cognitivamente motivados) interagem com princípios simbólicos (cognitivamente arbitrários), que respondem pelas regras convencionais”.

Diante do exposto, daremos início à análise dos dados da amostra que apresentam algum tipo de inadequação/não correspondência entre a hierarquia sintática, a ordem e o tipo de relação adversativa presentes nas estruturas coordenadas. Cabe destacar que, aqui, temos um dos contextos em que mais abundam casos de ausência de sinais de pontuação importantes para a segmentação das cláusulas ou escolha de sinal de pontuação que não demarca, de forma precisa, o grau de integração em jogo na construção em análise. Vejamos a síntese dos padrões inadequados empregados e, a seguir, exemplos.

Tabela 3 – Pontuação de nexos em início de oração

, mas,	6	, porém ,	40
Ø mas Ø	2	Ø porém,	1
Ø mas,	1	Ø porém Ø	7
; mas Ø	1	, contudo,	14
		, contudo Ø	11
		, entretanto ,	19
		, entretanto Ø	14
		, no entanto,	5
		, no entanto Ø	14
		, todavia,	5
		, todavia Ø	5

Fonte: elaborado pela autora.

Como exemplo do primeiro padrão de pontuação impróprio empregado para a conjunção *mas* — registrado entre vírgulas —, temos o excerto (27) a seguir. Neste parágrafo, é possível observar que não somente a vírgula posterior ao conectivo não se encontra adequadamente registrada, posto que o conectivo *mas*, de acordo com autores como Azeredo (2008), Bechara (2006) e Perini (2016), é uma conjunção canônica, que não se isola do sintagma no qual se insere na oração coordenada que principia; igualmente o parágrafo como um todo apresenta problemas de organização e hierarquização sintática (além de aspectos semânticos que comprometem a clareza de vários trechos):

- (27) Como afirmaram os autores, pois, deixar o lugar de conforto, deixar o calor da família, dos amigos e da comunidade em geral é uma decisão muito difícil, **mas**, considera-se fácil quando há força de vontade, e o apoio dos familiares que também se fazem presentes nesta jornada e principalmente quando optamos e pensamos nas futuras experiências que podemos receber de outro país, porque, cada lugar é um lugar, e nestes lugares diferentes carregam por si só hábitos e costumes distintos, então, não serão apenas novas experiências mas também novas informações, principalmente no desenvolvimento essencial para estar em destaque na profissão desejada, por estes motivos a decisão de sair desta zona de conforto torna-se cada vez mais fácil, e principalmente quando pensamos em regressar a nossa verdadeira casa para contribuir para o bem do país, como enfatiza Subuhana (2005), para quem volta ao lugar de origem isto representa, ao menos no começo, um aspecto usual. Crê estar em um país estranho, ser um estrangeiro entre estrangeiros, até o momento em que a “deusa” dispersa a névoa (a confusão) que o envolve.

Apesar de todas as outras questões que poderíamos discutir a respeito desse excerto (mas que extrapolariam os limites de nossa análise), cabe refletir que os *problemas* não se situam necessariamente no emprego da vírgula anterior à conjunção, nem no uso da conjunção em si, pois estes representam adequadamente tanto a relação de coerência quanto o grau de integração dos conteúdos proposicionais das orações. Para ilustrar nossa intuição, observemos, como teste, como a substituição da conjunção por outro conectivo e a alteração

da pontuação parecem promover uma ruptura maior, não correspondente à proximidade do que está sendo enunciado pelo autor:

(27') Como afirmaram os autores, pois, deixar o lugar de conforto, deixar o calor da família, dos amigos e da comunidade em geral é uma decisão muito difícil; **entretanto**, considera-se fácil quando há força de vontade, e o apoio dos familiares que também se fazem presentes nesta jornada e principalmente quando optamos e pensamos nas futuras experiências que podemos receber de outro país, porque, cada lugar é um lugar, e nestes lugares diferentes carregam por si só hábitos e costumes distintos, então, não serão apenas novas experiências mas também novas informações, principalmente no desenvolvimento essencial para estar em destaque na profissão desejada, por estes motivos a decisão de sair desta zona de conforto torna-se cada vez mais fácil, e principalmente quando pensamos em regressar a nossa verdadeira casa para contribuir para o bem do país, como enfatiza Subuhana (2005), para quem volta ao lugar de origem isto representa, ao menos no começo, um aspecto usual. Crê estar em um país estranho, ser um estrangeiro entre estrangeiros, até o momento em que a “deusa” dispersa a névoa (a confusão) que o envolve.

Registrados, a seguir, embora o objetivo desta investigação não seja tematizar o processo de revisão, nem de abranger outros problemas sintáticos e semânticos, como o parágrafo ficou após o primeiro processo de revisão (*primeiro*, pois, como se pode observar, mesmo com modificações na segmentação sintática, pontuações e outros aspectos, o trecho continua a apresentar problemas de clareza e coesão, que precisaram ser revistos pelo autor):

(27'') Como afirmaram os autores, deixar o lugar de conforto, deixar o calor da família, dos amigos e da comunidade, em geral, é uma decisão muito difícil, mas considera-se fácil quando há força de vontade e apoio dos familiares, que também se fazem presentes nessa jornada, principalmente quando optamos e pensamos nas futuras experiências que podemos receber de outro país. Cada lugar é um lugar. Lugares diferentes carregam por si só hábitos e costumes distintos, então, não serão apenas novas experiências, mas também novas informações, principalmente no desenvolvimento essencial para estar em destaque na profissão desejada. Por esses motivos, a decisão de sair da zona de conforto torna-se cada vez mais fácil, principalmente quando pensamos em regressar à nossa verdadeira casa para contribuir para o bem de nosso país. Como enfatiza Subuhana (2005), para quem volta ao lugar de origem, isso representa, ao menos no começo, um aspecto usual: “Crê estar em um país estranho, ser um estrangeiro entre estrangeiros, até o momento em que a “deusa” dispersa a névoa (a confusão) que o envolve”.

Assim, após a reescrita, mantendo-se a conjunção *mas*, outra proposta com uma “integração menor” seria:

(27'') Como afirmaram os autores, deixar o lugar de conforto, deixar o calor da família, dos amigos e da comunidade, em geral, é uma decisão muito difícil. Mas considera-se fácil quando há força de vontade e apoio dos familiares, que também se fazem presentes nessa jornada, principalmente quando optamos e

pensamos nas futuras experiências que podemos receber de outro país. Cada lugar é um lugar.

Agora, apresentaremos casos em que os conectivos de distribuição adverbial são apresentados entre vírgulas, quando, ao nosso ver, se faz necessário um sinal de pontuação que, *em tese*, sinalizaria uma unidade superior — seja o ponto e vírgula, que sinaliza uma oração com alguma “independência”, ainda no interior de um mesmo período; seja um ponto final, que sinaliza um período. Dizemos “*em tese*” porque, em princípio, imaginamos que a escolha entre *vírgula*, *ponto e vírgula* e *ponto final* relaciona-se com *graus de integração* — e de *autonomia* — diferentes dos conteúdos. Mas também é preciso ter em mente que, no caso de *porém*, *entretanto*, *contudo*, etc., o fato determinante talvez seja meramente sintático — um recurso para evitar a ambiguidade de escopo desses elementos adverbiais. Nos parece que é exatamente por isso que Cunha e Cintra (2007), ao descreverem o uso de vírgulas para intercalar nexos como *contudo*, *todavia*, etc., remetem a um princípio de uso do ponto e vírgula para separar “partes de um período” — isto é, orações — se uma delas já estiver dividida por vírgulas. Analisemos o exemplo (28):

- (28) A rotina infantil, em algumas instituições, é marcada principalmente pela higiene e alimentação, **porém**, para este trabalho interessa uma condição escolar mais abrangente em relação à complexidade humana e principalmente, do universo infantil, pois entendemos que a criança pequena está vivenciando um período rico em aprendizagens, no qual as diferentes interações fazem com que seja possível atribuir conhecimentos significativos para o seu desenvolvimento.

Como teste para saber se é possível utilizar a vírgula em vez de ponto e vírgula nesses casos, sugerimos substituir o nexo por *mas*: como *mas* não é adverbial, não pode ser intercalado; logo, não exige vírgulas para assinalar sua intercalação:

- (28') A rotina infantil, em algumas instituições, é marcada principalmente pela higiene e alimentação, **mas** para este trabalho interessa uma condição escolar mais abrangente em relação à complexidade humana e, principalmente, à complexidade do universo infantil.

Ou seja: acreditamos que há a necessidade de usar ponto e vírgula ou ponto final em (28), mas por causa da natureza sintática de *porém* — que, sendo adverbial, fica com seu escopo indefinido com a pontuação utilizada. Assim, quanto à pontuação dos trechos, compreendemos que deveriam ser mobilizados sinais que marcassem mais fortemente os limites sintáticos e sinalizassem para a reorientação temática realizada pelo autor do enunciado, como o ponto e vírgula anteposto ao nexo: “A rotina infantil, em algumas instituições, é marcada principalmente pela higiene e alimentação; **porém**, para este trabalho, interessa [...].”

Um exemplo em que o ponto e vírgula seria necessário por razões de integração de conteúdos seria algo do seguinte tipo:

- (29) ?? Os senadores estão negociando uma nova proposta para a reforma previdenciária dos professores, pois muitos deles têm fortes bases eleitorais nos setores da educação, **mas** a negociação não é do interesse do ministro Paulo Guedes.

Nessa versão, o período é inadequado porque a *vírgula* não consegue distinguir adequadamente a que conteúdo a oração adversativa está se integrando, se à oração explicativa precedente (introduzida por *pois*), ou se à oração que precede a explicativa. O uso do *ponto e vírgula* consegue remediar o problema:

- (29') Os senadores estão negociando uma nova proposta para a reforma previdenciária dos professores, pois muitos deles têm fortes bases eleitorais nos setores da educação; **mas** a negociação não é do interesse do ministro Paulo Guedes.

Logo, é possível constatar que o *ponto e vírgula* assinala que a adversativa modifica a oração composta pela explicativa juntamente com a que a precede. Isso permite ao leitor deduzir, entender, que a adversativa *não* se relaciona diretamente com a explicativa — portanto, se relaciona com a primeira oração do trecho.

Vejamos outros exemplos em que nexos de natureza adverbial foram empregados entre vírgula em contextos nos quais acreditamos que sinais gráficos que sinalizam maior ruptura/segmentação deveriam ter sido empregados:

- (30) Entende o relator, que não pode ser caracterizada a discriminação, uma vez que o tipo de campanha já se faz característico e aceitável nos dias de hoje, uma vez que já corriqueira e costumeira tal veiculação de anúncios semelhantes. O voto reconhece a existência de utilização de estereótipos no embasamento da campanha, contudo, apoia-se na falta de intenção de discriminação do anunciante para com o público.

Cumpre salientar que o tal tema se mostra por demais complexo, uma vez que a efetiva caracterização pressupõe o subjetivo pessoal, ou seja, o tema da objetificação pode ser compreendido por diversas interpretações, **contudo**, por ser um comportamento onde seres humanos são vistos de forma instrumental para propósitos de outros, acaba-se dando possibilidade à existência de violações de barreiras.

Destaca-se que a decisão, de certa forma, ainda reproduz os padrões vivenciados pela sociedade.

Nesse exemplo, embora trate-se de um trecho bastante obscuro, em que o emprego de voz passiva e a não realização dos sujeitos dificultam a recuperação dos referentes, nossa intuição é de que a adversativa não deveria formar um período com “Cumpre salientar...”.

Parece-nos adequado, portanto, a substituição da *vírgula* pelo *ponto final*, a fim de que se estabeleça adequadamente o escopo do conectivo, e os períodos sejam devidamente segmentados, conforme os conteúdos proposicionais que apresentam: um período cujo tópico é o “tema da objetificação” contrapondo-se ao período que aborda as “violações” de determinadas barreiras sociais:

- (30') Cumpre salientar que o tal tema se mostra por demais complexo, uma vez que a efetiva caracterização pressupõe o subjetivo pessoal, ou seja, o tema da objetificação pode ser compreendido por diversas interpretações. **Contudo**, por ser um comportamento onde seres humanos são vistos de forma instrumental para propósitos de outros, acaba-se dando possibilidade à existência de violações de barreiras.

Analisemos, agora, o exemplo (31):

- (31) Dentro desta ótica, Mendy (1994), aponta que os povos da Guiné-Bissau não aceitaram passivamente e com agrado as alterações impostas pelos portugueses que acabaram por mudar as estruturas de organização social, econômica e política preexistentes nessas sociedades, eles resistiram contra os régulos e chefes de tabanka impostos pelos portugueses. Ainda segundo ele, essa resistência foi mais visível na sociedade Felupe e Balanta, isso deve ao fato desses grupos não terem desenvolvido uma estrutura política fortemente centralizada, **contudo**, havia também uma forte resistência a essas imposições por parte dos grupos que tinham as sociedades cujas as estruturas eram altamente estratificadas e adotado de aparelho estatal sofisticado como os Fulas, Mandingas e Manjacós, porque a introdução dos novos chefes pela administração colonial não seguia os preceitos inalienáveis de ascensão ao poder nessas sociedades, por essa razão havia constantes protestos contra essa política.

Façamos um teste de substituição com *mas* (e outros ajustes que eliminam problemas que perturbam o entendimento do trecho):

- (31') ?? Os povos da Guiné-Bissau resistiram contra os régulos e chefes de tabanka impostos pelos portugueses. Segundo Mendy (1994), essa resistência foi mais visível na sociedade Felupe e Balanta, devido ao fato desses grupos não terem desenvolvido uma estrutura política fortemente centralizada, **mas** havia também uma forte resistência às imposições portuguesas por parte dos grupos que tinham estruturas sociais altamente estratificadas e que tinham adotado um aparelho estatal sofisticado.

Claramente, *mas* está sendo usado para introduzir um novo subtema do tema geral “resistências dos povos de Guiné-Bissau”. O primeiro subtema desse tema geral é a resistência das comunidades Felupe e Balanta, e o *mas* contrasta com essa resistência oferecida pelas sociedades mais organizadas de Guiné-Bissau. O problema de ligar os dois temas por *vírgula* é que este sinal pode dar a entender que a oração adversativa se relaciona

à subordinada “devido ao fato desses grupos...” — o que seria inadequado. Então, é necessário, no mínimo, um *ponto e vírgula*, para que se assinale ao leitor que o *mas* introduz um contraste com toda a oração que vai de “*Essa resistência foi mais visível...*” até “... *estrutura política fortemente centralizada*”. É evidente, portanto, que o emprego da *vírgula*, neste exemplo, foi inadequado: não apenas pelo caráter adverbial de *contudo*, mas também porque, aqui, os conteúdos proposicionais ficariam inadequadamente integrados.

Nos exemplos apresentados a seguir, vemos uma situação amplamente encontrada em nossa amostra: em (32), temos um dos vários casos em que uma frase declarativa sem autoria clara sobre o tópico desenvolvido no texto é seguida por outra – introduzida por nexo adversativo – que parece expressar o posicionamento do autor do texto frente ao mesmo tema.

- (32) O processo de transição democrática e liberalização econômica proporcionaram algumas mudanças em termos políticos, econômicos, sociais e culturais na sociedade guineense, **no entanto**, vale salientar que essas mudanças deram uma reviravolta no relacionamento entre o Estado e as autoridades tradicionais, ou seja, esse processo culminou com permissão de outras manifestações políticas, e isso propiciou a reinserção das autoridades tradicionais no cenário político e administrativo bissau-guineense.

Tais casos parecem exemplificar o que Givón (1993) chama de *descontinuidade de perspectiva*, no qual um autor instancia seu posicionamento em relação a um fato, expressando alguma atitude de crença, concordância, rejeição, etc., em relação a esse conteúdo. Entretanto, cabe salientar que o fator *perspectiva*, por si só, não é suficiente, nos exemplos anteriores, para exigir sua segmentação em períodos diferentes. Consideremos, novamente, o exemplo (32), o qual pode — a nosso ver — ser reescrito do seguinte modo:

- (32') O processo de transição democrática e liberalização econômica proporcionaram algumas mudanças em termos políticos, econômicos, sociais e culturais na sociedade guineense, **mas** vale salientar que essas mudanças deram uma reviravolta no relacionamento entre o Estado e as autoridades tradicionais. Ou seja, esse processo culminou com a permissão de outras manifestações políticas, e isso propiciou a reinserção das autoridades tradicionais no cenário político e administrativo bissau-guineense.

Na edição proposta em (32'), é possível observar, conforme afirmamos, que a *mudança de perspectiva* da oração adversativa (que teria a perspectiva do autor do texto) em relação à da oração que a precede (que poderia ser uma perspectiva geral, compartilhada por quem conhece o assunto) não seria suficiente para impedir a união das orações num só período. Comparemos (32) com a seguinte versão do mesmo trecho, onde explicitamos uma

“outra perspectiva” (inserimos uma referência qualquer, para fins de teste, somente para vermos o efeito):

(32'') ?? O processo de transição democrática e liberalização econômica teriam proporcionado, segundo Lehmann (1976), algumas mudanças em termos políticos, econômicos, sociais e culturais na sociedade guineense, **mas** vale salientar que essas mudanças deram uma reviravolta no relacionamento entre o Estado e as autoridades tradicionais. Ou seja, esse processo culminou com a permissão de outras manifestações políticas, e isso propiciou a reinserção das autoridades tradicionais no cenário político e administrativo bissau-guineense.

Nesse caso, parece ser mais adequado evitar a união das duas orações em um mesmo período — segmentando as duas perspectivas em períodos autônomos:

(32'') O processo de transição democrática e liberalização econômica teria proporcionado, segundo Lehmann (1976), algumas mudanças em termos políticos, econômicos, sociais e culturais na sociedade guineense. **Mas** vale salientar que essas mudanças deram uma reviravolta no relacionamento entre o Estado e as autoridades tradicionais. Ou seja, esse processo culminou com a permissão de outras manifestações políticas, e isso propiciou a reinserção das autoridades tradicionais no cenário político e administrativo bissau-guineense.

Já o exemplo (33) é emblemático quanto a uma situação de complexidade ainda maior, também muito encontrada em contexto de escrita acadêmica, em que os autores dos enunciados não conseguem organizar adequadamente, dentro do escopo de um parágrafo, as diferentes orações concatenadas:

(33) Na verdade as dificuldades são muitas, uma delas também é estar longe da família é muito difícil, a saudade aperta, mas que apesar disto o desafio em se formar não termina, a distância não impossibilita aos estudantes a dar continuidade na formação, e notamos ainda que maior parte dos angolanos não perderam suas identidades mesmo estando no estrangeiro, que a partir da indumentária, sotaque e etc.... e através disto, pode-se identificar que o jovem é um angolano dentro do Ceará, suas identidades no país não estão afastadas por estar fora do país de origem, antes, **porém**, como bons angolanos, trazem de suas terras coisas necessárias para não perder a originalidade e poder mostrar que é verdadeiramente um filho da terra angolana, como por exemplo; retratos com fotos da família, vídeos para relembrar os momentos de família e amigos, alimentos e tecidos angolanos que servem para fazer roupas a estilo tradicional, porém as lembranças são necessárias sim porque ajudam diretamente no lado sentimental e cultural.

Vê-se, pois, que o(s) problema(s) de pontuação deste excerto não diz(em) respeito apenas à oração coordenada adversativa em si, mas a vários elementos que se justapõem e

intercalam, sem que se demarque adequadamente os limites e tipos de relações presentes entre os segmentos. Por fim, temos os exemplos (34):

- (34) Maria Berenice Dias destaca também que a Constituição Federal ao reconhecer a união estável como entidade familiar, passou a garantir os mesmos direitos e igualdade aos filhos havidos ou não do casamento, inclusive por adoção. Porém, para a autora o casamento e a união estável deveriam merecer a mesma proteção do Estado, *entretanto* com a promulgação do novo Código Civil de 2002 a legislação passou a reconhecer a união estável em seu artigo 1.723 a partir da convivência e, o casamento pela celebração, ocorre que ambas são construídas pelo convívio do relacionamento.

Nele, também é possível verificar outro caso de manejo da pontuação e justaposição das orações coordenadas de forma pouco organizada. Assim como a oração anterior, iniciada por *porém*, teve um uso da pontuação um pouco mais coerente com a hierarquia dos elementos mobilizados — embora falte uma vírgula após a palavra “autora” —; na oração que se inicia por *entretanto*, deveria haver ponto final ou ponto e vírgula marcando que não há uma integração tão local entre as sentenças, pois é possível ver que, nela, além do adjunto deslocado “com a promulgação do novo Código Civil de 2002”, temos um outro sujeito, “a legislação”, o que nos autoriza a analisar o uso da vírgula como inadequado neste contexto.

### **Considerações finais**

Para concluir, gostaríamos de destacar, primeiramente, alguns aspectos gerais quanto às análises aqui empreendidas. Além das motivações sintáticas relacionadas aos graus de integração das orações (sujeitos com mesma referência, descrição e ordenação de eventos, mudança de modalidade relativa aos atos de fala) e aos graus de conectividade temática (continuidade referencial, demais estratégias para manutenção ou ruptura tópica), mostrou-se relevante a diferença de estatuto entre os conectivos adversativos: *porém*, *contudo*, *entretanto*, *no entanto* e *todavia*; pois, dado seu caráter adverbial, apresentam distribuição sintática distinta da conjunção *mas*, o que ocasiona diferenças em relação a como são pontuados. Assim, buscamos discutir os excertos que compõem nossa amostra, analisando a pertinência da segmentação realizada pelos autores (separação de orações e períodos, divisão paragráfica) e a adequação quanto aos sinais de pontuação empregados (tendo em vista o contexto sintático no qual foram mobilizados e a relação semântica que instanciavam, juntamente com os nexos).

As intuições aqui esboçadas são uma tentativa de análise para além do que propõe a tradição gramatical (embora tenhamos nos ancorado amplamente em suas contribuições), numa aproximação com o Funcionalismo proposto por Givón. Com isso, visamos contribuir não somente para a discussão a respeito dos condicionamentos sintático-semânticos que

estruturam o português brasileiro escrito, mas também para a prática dos profissionais da revisão textual, que precisam dispor de sólido conhecimento teórico e de critérios consistentes ao retificar ou reescrever segmentos textuais.

Registraremos, por fim, que a discussão aqui proposta não teria se esgotado não fosse a necessidade de colocar um ponto final no estudo, sendo possíveis os seguintes desdobramentos: ampliar a revisão teórica empreendida, no sentido de estabelecer novas relações entre as construções sintáticas presentes na amostra; aprofundar as análises realizadas; ou, ainda, fazer um estudo quantitativo quanto aos condicionamentos semânticos e sintáticos encontrados no *corpus* deste estudo.

## **Referências**

- AZEREDO, J. C. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. São Paulo: Lucerna, 2006.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.
- CUNHA, M. A. F.; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (org.). **Linguística Funcional: teoria e prática**. São Paulo: Parábola, 2015. p. 24–48.
- GIVÓN, T. **A compreensão da gramática**. São Paulo: Cortez, 2012.
- GIVÓN, T. **English grammar: a function-based introduction**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1993.
- GIVÓN, T. **Functionalism and grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.
- GIVÓN, T. Isomorphism in the grammatical code: cognitive and biological considerations. **Studies in Language**, v. 15, n. 1, p. 1–27, 1991.
- GIVÓN, T. **Sintax I**. New York: Academic Press, 1984.
- GONÇALVES, P. A. **Nexos adversativos e pontuação**: um olhar para a integração sintática e a conectividade temática em textos acadêmicos. 2020. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.
- NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Unesp, 2000.
- NEVES, M. H. M. **Gramática funcional**: interação, discurso e texto. São Paulo: Contexto, 2018.
- PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português brasileiro**. Rio de Janeiro: Vozes, 2016.
- SMITH, M. **Por uma gramática da pontuação**: um estudo dos sinais de pontuação em textos referenciais opinativos. 1998. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa

de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

### **Sobre a autora**

*Patrícia Azevedo Gonçalves*

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1442-8185>

Doutora em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), mestra em Gramática e Significação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), especialista em Ensino de Língua Portuguesa pela PUCRS e graduada em Letras pela UFRGS.

Recebido em jul. 2024.

Aprovado em dez. 2024.